



A

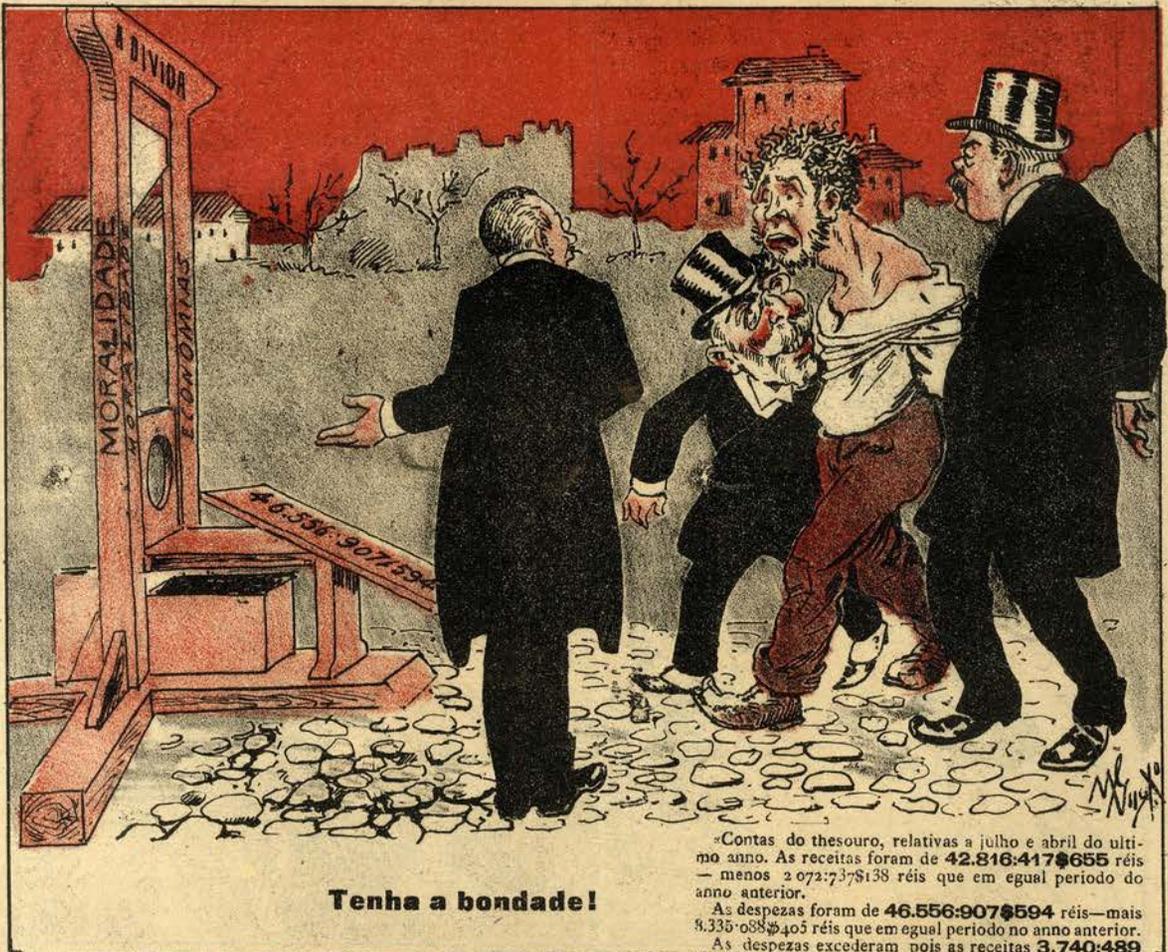
N.º 141 — LISBOA, 24 DE SETEMBRO

3
ANO
192

PARÓDIA

<p>PREÇO DA ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa, provincias e Africa serie de 26 números 500 réis Lisboa, provincias e Africa serie de 26 números 500 réis Cobrança pelo correio custa 50 Estrangeiro, accresce o porte do correio 100</p> <p>Preço avulso 20 réis Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p>Publico-se ás quartas-feiras</p> <p>PROPRIETARIOS RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO E M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</p> <p>Redacção — RUA DO GREGIO LUZITANO, 66, 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES Administração — R. DO GREGIO LUZITANO, 66, 1.º</p> <p>Composição: <i>Minerva Peninsular</i> 111, Rua do Norte, 113</p> <p>Impressão: <i>Lithographia Artistica</i> Rua do Almada, 32 e 34</p> <p>EDITOR — CÂNDIDO CHAVES</p>
--	---	--

A GUILHOTINA



Tenha a bondade!

«Contas do thesouro, relativas a julho e abril do ultimo anno. As receitas foram de **42.816.417\$655** réis — menos 2.072.737\$138 réis que em equal periodo do anno anterior.

As despesas foram de **46.556.907\$594** réis — mais 8.335.088\$405 réis que em equal periodo no anno anterior.

As despesas excederam pois as receitas **3.740.489\$939** réis.» *Dos jornaes.*

A mulher na civilização e nos costumes



A INTERVENÇÃO de uma mulher n'um duro caso de interesses, veio trazer de novo ao debate o problema do feminino na sociedade moderna, e o que, apalpando a opinião publica, se verificou mais uma vez, é que a mulher não está ainda sufficientemente madura para concorrer com todas as attribuições do homem, na sociedade civil.

Toda a invasão d'essas attribuições é, por via de regra, pessimamente acolhida.

Tal, pelo menos, o effeito do ultimo successo feminino, minuciosamente referido na imprensa periodica.—A opinião publica deu inequivocas mostras de descontentamento e desasossegado e, implicitamente, condemnou com aspereza a intervenção da mulher no que o commum dos homens habitualmente chama—*negocios*.

Já as primeiras tentativas de emancipação feitas pela mulher não foram vistas com um olho benevolito. As primeiras medicas estiveram longe de ser acolhidas com regosijo. Duvidou-se do seu saber, chegou se mesmo a duvidar do seu sexo. Acreditou-se na existencia de um novo hermaproditismo, munindo-se do salvo-conducto de um diploma, para lançar a devastação nos domicilios.

Quando se soube que uma mulher, M.^{elle} Paquin, diplomada pela Faculdade de Paris, se dispunha a disputar com arrogancia o copo d'agua da oratoria tribunalicia, foi um longo e lento encolher d'hombrós no fóro universal. A mulher a pleitear pareceu logo a todas as becas, um caso infinitamente jocoso.

As primeiras engenheiras fizeram tremer as pontes. Logo a corporação dos engenheiros de todos os ramos fez propalar que as construcções d'essas suas novas confrades eram apenas... alinhavadas.

A admissão das mulheres nos cargos da administração — nos correios, nos telegraphos, nos telephones, não teve entre os homens um exito mais sympathico. O Estado appareceu immediatamente ao vulgo como um vasto serralho.

Mas se o exercicio d'estas funcções civis surpreendeu e affectou o amor-próprio do homem, a sua limitação nos dominios de certas classes teve mão nos descontentamentos, mostrando-lhes um grande numero de attribuições ainda isemptas da concorrência feminina.

Taes os *negocios*.

Sobrevem, no entanto, o advento da saia na vida viril do dinheiro, a letra ingleza faz a sua apparição nas letras de cambio, pelos escriptorios dos Bancos começa a correr um aroma suspeito de *Sherry Blossom*, o *London and Brazilian Bank* encontra uma liga no seu cofre á prova de fogo. Estabelece-se o panico, e a presença da mulher, assignalada como a de um inimigo, nos arrayaes do Negocio, põe em armas Toda a Gente, porque não é já d'esta vez uma classe, mas em verdade toda a gente que se sente affectada.

Medicos, advogados, engenheiros são corporações.

Negociante é todo o homem.

O ultimo caso a que vimos alludindo determinou um serio movimento de opinião masculina.

Mas elle explica-se. E explica-se solidamente pelo facto das mulheres, que já estão no professorado, nas letras, nas sciencias, nas artes, não terem sido ainda admittidas, nem pela moral, nem pelos costumes — nas regras de juros.

Nas mãos da mulher, o unico dinheiro com que lhe é permitido negociar — é o das compras.

JOÃO-RIMANSO.





JANTAR DE PEIXE



Os miguelistas celebraram mais uma vez o aniversário natalício do Sr. D. Miguel de Bragança, realizando um banquete no Braganza-Hotel.

Aconteceu, porém, que o dia d'aquelle anniversario caiu d'esta vez numa sexta-feira e os miguelistas não quiseram comer carne nesse dia sem uma licença de Roma.

Neste sentido, escreveram para o Vaticano, mas o Cardeal Rampola esqueceu-se, ou não esteve para os aturar, e o certo foi que, no proprio dia em que devia realisar-se o banquete, ainda não tinha chegado a resposta á hora de pôr o jantar ao lume.

Em tal situação, o Sr. D. Alexandre Saldanha da Gama convocou uma reunião do partido e perguntou-o que devia fazer — isto é o que era que o cosinheiro devia fazer.

Os amigos do Sr. D. Miguel que quizessem carne, punham-se de pé.

Os amigos do Sr. D. Miguel que só quizessem peixe, deixavam-se ficar sentados. Ninguém se levantou.

Apenas o Sr. Antonio Cabreira, por um melindre que a sua situação no Real Instituto justifica, declarou que se abstinha, pondo-se de cocoras.

A' hora do jantar, quando foi conhecido o menu, viu-se que a resolução da assembléa fôra respeitada. Era tudo peixe: sopa de tartaruga, peixe cozido, arroz de marisco, pastéis de camarão, filetes de linguado, gorras no forno, etc. etc., mas tudo peixe. Ao meio da mesa, uma soberba lampreia d'ovos.

Quando, em vez de Champagne, começa va já a correr nas taças o oleo de figados de bacalhau destinado aos brindes, foi recebido um telegramma urgente.

E o Sr. D. Alexandre Saldanha da Gama leu em voz alta:

Roma, 10, ás 9,52 manhã. Aos miguelistas de Lisboa. Summo Pontifice concede licença para meio-bife, mas do pojadouro, e na grelha. Bon appetit. (a) Rampola.

Pois senhores! Depois de ter comido de tudo quanto constava do menu, e bem, o Sr. Antonio Cabreira ainda se aproveitou da licença de Roma e mandou vir meio-bife!



Um annuncio:

«Ferrão, bordador — Atelier de alfayate diplomatico. Garante-se o bom acabamento e perfeita execução.»

Seria talvez melhor assim:

«Ferrão bordador — Encarregado de negocios diplomaticos de alfayate. Garante-se o acabamento e... a promoção.»



Ultimos telegrammas:

«Caparica, 16 — O conchelo d'Almada está n'uma verdadeira anarchia. Desordens, aggressões, facadas.»

Tambem não admira. Um centro tão populoso!



O cumulo do compadrio.

Os jornaes do Porto queixam-se de que a Misericordia d'aquella cidade só admitte doentes — seus atitados.

Antigamente dizia-se: quem tem padrinhos não morre na cadeia.

Hoje deve dizer-se: Quem não tem padrinhos não morre no hospital, porque até para morrer no hospital é preciso ter padrinhos.

Descobriu-se emfim o doente por empenhos e a doença-sinecura. Mesmo para ter a espinhella cahida é preciso boas recommendações.



Apezar da concorrência da serradura, tem subido o preço da farinha de trigo, o que quer dizer que ainda acabamos por comer pinho de Flandres, em bruto.

Futura conta de padeiro:

10 pães de casquinha.....	400
12 roscas de nogueira encerada.....	240
Somma.....	640

Recebi

Lopez.



Continúa a subscrição para a trasladação dos ossos de Garrett para o pantheon dos Jeronymos.

Algumas camaras tem devolvido a lista em branco, allegando falta de recursos e abundancia de chafarizes.

A subscrição já está em 147020.

Não é bem de Garrett que se trata. E' de um chefe de familia necessitado.



Em Paço d'Arcos foram apprehendidas sete caixas de queijo, em cuja composição se descobriu gesso, o que não impede que o grande malfeitor do dia seja o principe Gréchet, a ferros e incommunicavel por se ter sentado em cima de alguns sellos velhos, que se lhe pegaram aos fundilhos das calças.



Manuel Mendes Enxundia

D'um jornal da manhã:

«A velha sociedade apodrecida e corrupta, sob a acção subjugadora d'essa legião de cosmos e de deprimentes condições do meio social, attinge um elevado grau de aniquilamento morbido, onde fenecem os mais salutareos principios, ro exalar de uma civilização degenerante.»

Está muito bem, mas já algum tempo antes o Manuel Mendes Enxundia tinha dito:

«Eu tenho umas casas na ilha do Pico e machinava construir um passadiço cubico para umas outras que possuo no Baltico. Entre umas e outras ha terrificos de diversos arbitros, mas não emprehendo o trafico, sem saber primeiro se transgrido a lei juridica, etc.»

O que mais uma vez prova que nada é novo debaixo do sol.

A algaravia tem tambem os seus logares selectos.



O GRANDE AFFONSO



"Suscitam-se novamente duvidas sobre a descendencia de Affonso d'Albuquerque. A descendencia é agora disputada por tres casas."
Dos jornaes.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

O pae dos filhos de Zebedeo



FESTAS LIBERAES



ESCOBRIU-SE agora o anniversario natalicio da Carta Constitucional. E', pelo menos, o que se poudo ler um d'estes dias n'um jornal de Lisboa.

Chama-se a isto exaggerar o culto das instituicoes.

Por este pendor de fidelidade e devoçao, não será difficil passarmos a encontrar os fastos do systema constitucional no *High-life* do *Diario Illustrado* e no *Carnet Mondain* das *Novidades*, ao lado das pessoas que fazem annos e das que partem para Cascaes.

Exemplo:

«Entrou em franca convalescencia do insulto apopletico de que ha dias foi acometida no ministerio do Reino — a Carta Constitucional.»

«Partiu para as Caldas o Acto Addicional, nosso amigo e distincto *sportman*.»

Tambem, seguindo o exemplo adoptado no Brasil, a devoçao liberal poderia solemnizar assim as suas datas queridas:

«Conta mais uma violeta no florido jardim da sua perfumada existencia, a senhorita Carta Constitucional.»

Um seu admirador

Ou:

«Sincero parabem, — E' o que envia do fundo d'alma ao Acto Addicional, o seu amigo dedicado

J. L. X.»



SUA ALTEZA

Um principe preso e algumas notas... soltas



gal?

— Inteiramente satisfeito. Não desejo mais!



D. Manoel del Castillo, dono do album de sellos confiado ao Principe, lê num jornal de Lisboa:

«... Alto, magro, de figura insinuante, bom cavaqueador, espirituoso ás vezes, olhar penetrante, Sua Alteza attrae pela sympathia que desperta, e provado está que o nosso amigo Consiglieri Pedroso, enlevado de mais a mais pelo ensejo de conversar em lingua russa com um russo, um verdadeiro slavo, se deixasse prender pelo *savoir vivre* que o Principe espalha ao redor de si...»

— Si, si, *yo lo creo*! diz tristemente D. Manoel del Castillo.



O Principe tem viajado muito, e compraz-se em falar das suas viagens.

— Antes de chegar a Portugal já tinha feito a volta do mundo uma vez e meia.

— E meia?!

— Sim. Quando chegasse a Portugal, pensava eu poder dizer que fizera essa volta duas vezes completas.

— Como assim?

— Porque me tinham dito que Portugal era o pais da *outra metade*!



Falando das relações que tivera occasião de travar com algumas pessas de Portugal, Sua Alteza mostrou vivo desejo de tornar a ver o Visconde de S. Luiz de Braga, com quem fizera conhecimento em casa de Madame Réjane. E perguntou:

— O Visconde acha-se em Lisboa?

Ao que alguem respondeu:

— Não, neste momento o Visconde não está em Lisboa. Quem está em Lisboa é o Antonio Manoel.

— Mas quem é o Antonio Manoel? indagou o Principe.

— E' o Visconde de S. Luiz de Braga — por um canudo!



O Principe tambem pergunta muito pelo Snr. Conselheiro Jeronymo de Vasconcellos, e sempre que se refere a este ex-illustre director geral, usa de uma expressao a que o Snr. Juiz Veiga liga grande importancia para o seguimento do processo em que Sua Alteza se acha envolvido. O Principe diz sempre:

— *Ce cher collègue*...

— Collega? insistia hontem o Snr. Veiga.

— Pois claro! explicava o Principe. — Não somos nós collegas em questões de *sello*?...



Apparentando uma verdadeira resignação christã, o Principe Alexis Crétchet veiu desde Villa Real de Santo Antonio até ao Barreiro em carruagem de 3.ª classe, atravessou entre dois policias o Terreiro do Paço, a Rua Nova do Almada, o Chiado, os Paulistas até á Calçada da Estrella, e foi recolhido ao calaboiço n.º 2.

Depois, quando o informaram de que o Snr. Veiga prohibira que lhe dêssem o tratamento de Alteza, mais resignado ainda se mostrou, dizendo:

— Mais soffreu Jesus Christo, e nem por isso deixou de bem recommendar que quando nos chegam uma *estampilha* p'la direita, devemos logo tratar de apanhar outra, p'la esquerda...



No trajecto do Barreiro para Lisboa, Sua Alteza extasiava-se perante a magnificencia do Tejo, e, voltando-se para a Outra Banda, admirava a quietação do rio, o encanto da paisagem, a extensão dos pinheiraes.

— Que é aquillo além? perguntava.

— Além é o pinhal da Amora... Mais para ali é o do Seixal...

— E o pinhal da Azambuja? indagou vivamente o Principe.



Na bagagem do Principe ha uma pequena caixa que Sua Alteza não larga nunca e que, logo á sua chegada, intrigou muito a policia.



Quizeram ver o que era. O Principe recusou-se a mostrar, dizendo que era uma caixa de figos.

— Mostre sempre! dizia-lhe a policia.

— Não tem nada que vê... teimava o Principe. E' uma caixa de figos.

— Mas mostre!

— Não mostro.

— Mostre, já lhe disse!

Por fim, mostrou. Abriu-se a caixa. Era com effeito uma caixa de figos.

— Pois sim! observava então a policia. Mas é que em vez de serem figos, podiam ser estampilhas.

— ... Estampilhas?!

— Sim, estampilhas! explicava a policia arguta. — E' que este Principe, quando vê uma estampilha, chama-lhe logo — um figo!

O OUTRO EU.

A rua Raphael Bordallo Pinheiro



As Caldas acabam de dar a uma das suas ruas o nome de Raphael Bordallo Pinheiro, o que os jornais nos annunciam ter occorrido em meio de geral regosijo.

A Rua é a ante-câmara da Immortalidade. Quando um homem passa por uma rua e, ahí deixa, alem das pégadas das suas solas, o seu nome e o seu appellido, esse homem está em calda para a Gloria. Em Raphael Bordallo conjuga-se a circumstancia de estar tambem... nas Caldas.

Dizer que este successo consideravel não nos regosijou seria desistir dos nossos habitos de imparcialidade. O acontecimento teve, ao contrario, um legitimo acolhimento nos dominios da Parodia, onde foi festejado com discricao, mas com sincero jubilo.

Longe de nós disputar ao ceramista que as Caldas reivindicam, um pedal de barro em beneficio da Parodia. Ao sabermos, porem, que o nome de Raphael Bordallo rebrilha hoje n'uma placa nova em folha, em uma das ruas d'essa tão linda e amavel estancia d'Ocio, d'Arte e de Convalescencia, que é as Caldas da Rainha, não podemos eximir-nos á secreta e vaidosa presumpção de que lá estamos tambem e que a rua Raphael Bordallo Pinheiro é um pouco a rua da Parodia.



Recebidos & Agradecidos

Recebida a photographia de um d'esses trabalhos de paciencia, para que é preciso ter genio, e que o bengaleiro do D. Amelia, A. Sá, se propõe ofertar á Corôa, no dia 28 do corrente. Representa, ao mesmo tempo, uma tentativa d'arte decorativa e um acto de devoção constitucional. Poderiamos mesmo chamar-lhe arte azul e branca.

O BADALO E A CURIA



IZEM que a prohibição da revista *da procura do badalo*, foi feita a instancias do sr. cardeal patriarcha. Ora aqui está um facto que não comprehendemos muito bem.

Ou o badalo está no seculo, isto é, na rua Nova da Palma, ou na Igreja, isto é, em S. Vicente de Fóra.

Se está no seculo, porque motivo o reivindica a Curia?

Se está na Igreja, como se explica que se encontre nas mãos do sr. Baptista Diniz?

De duas uma, pois: ou o sr. patriarcha é



o auctor da revista, ou o sr. Baptista Diniz



é o cardeal patriarcha o que é necessario apurar quanto antes, para dar o seu a seu dono, isto é, o badalo ao sr. patriarcha e a mitra ao sr. Baptista Diniz.

Não sabemos se Roma será consultada. Para quem é preciso appellar immediatamente é para o conselho dramatico, que, em ultima instancia, dará o badalo a quem provar pertencer-lhe.



Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis



Companhia Real

DOS

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

AVISO AO PUBLICO

Desde o dia 1 de Setembro de 1902 os comboios expressos n.º 55, entre Lisboa-Rocio e Porto e 56 entre Porto e Lisboa-Rocio, terão 1 m. de paragem em Espinho para serviço de passageiros.

A modificação que essas marchas soffrem é a seguinte:

Comboio n.º 55—Expresso	
Espinho.....	Partida 10-38, tarde
Comboio n.º 56—Expresso	
Gaya.....	Partida 4-21, tarde
Granja.....	4-36
Espinho.....	4-42

Lisboa, 28 de Agosto de 1902.

Serviço dos Armazens

Fornecimento d'oleo de linhaça crú

No dia 13 d'Outubro p. f.ª, pela 1.ª uma hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de

25.000 kilogrammas d'oleo de linhaça crú

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edifício da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 horas da tarde, e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28 rue de Châteaudun.

O deposito para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, sendo de regulador o relógio exterior da estação central do Rocio.

Lisboa, 16 de setembro de 1902.

Pelo Director Geral da Companhia

O. E. genheiro Admetto a Direcção Geral

Augusto Luciano S. de Carvalho.

Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa
de fabrico e
concertos

FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

MENÉRES & C.ª

Porto

Fornecedores da Casa Real Portugueza, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Direcção da Sãidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portugueza, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

Deposito em Lisboa

RUA DOS CAPELLISTAS, 43 A 47



LETTRAS DE MULHER

(Como ellas escreviam antigamente e como ellas escrevem hoje)



Meu adorado Senhor
 Amore do meu quassão
 Meu Crido tortura
 tua para sempre
 e etc etc etc

12% + 12% + 12%

D. autien-
 Fica
 D. Michael
 de
 Juros



12% + 12%



Horrida
 Fez-lhe a illa de Victor Hugo para São Paulo
 A cidade e a gente todo de Maragnão. Fize por esta minha
 unta via de São Paulo. Fize por esta minha
 horrida. Fize por esta minha
 de quem se escreve em papel em
 para de quem se escreve em papel em

de quem se escreve em papel em
 de quem se escreve em papel em
 de quem se escreve em papel em
 de quem se escreve em papel em

Por esta minha unica via...